
MIDIANTROPOCENO - O HUMANO COMO MEDIDA DE TODAS AS COISAS: ENSAIO PANDÊMICO-VISUAL

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2020.7.2.331-343>

*Hanna Cláudia Freitas Rodrigues*¹

Resumo: Midiantropoceno é uma série de foto-performances realizada com o uso tradicional da colagem e pretende simular a sobreposição de imagens e efeitos visuais sem o uso das tecnologias digitais, resultado obtido com justaposição de incrustações sobre o corpo. A proposição cria imagens de um corpo humano em continuidade com a natureza ou dela oriundo. A interseccionalidade entre corpo que é partícula orgânica da natureza e essa natureza invocada pelo corpo, no entanto, acontece pelas mídias digitais, redes sociais e tecnologias interativas. Este ensaio visual anela partilhar processo de criação artística em contexto de confinamento dada às crises sanitária, política e econômica, causadas pelo Covid-19. Assim, irromper em imagens, uma crítica ao modelo antropocêntrico de dar sentido ao mundo e a si, à cisão moderna ser humano-natureza, da qual deriva o empasse ético que coloca todos os habitantes do planeta em choque.

Palavras-chave: Midiatização. Antropoceno. Pandemia.

MIDDLEPROCENE - THE HUMAN AS A MEASURE OF ALL THINGS: PANDEMIC-VISUAL TESTING

Abstract: Midianthroocene is a series of photo-performances performed with the traditional use of collage and aims to simulate the overlapping of images and visual effects without the use of digital technologies, a result obtained by juxtaposing incrustations on the body. The proposition creates images of a human body in continuity with or from nature. The intersectionality between the body that is organic particle of nature and this nature invoked by the body, however, happens through digital media, social networks and interactive technologies. This visual essay aims to share the process of artistic creation in a context of confinement given the health, political and economic crises caused by Covid-19. Thus, to erupt in images, a criticism of the anthropocentric model of giving meaning to the world and to you, to the modern split between human-nature, from which derives the ethical impasse that puts all the inhabitants of the planet in shock.

Keywords: Mediatization. Anthropoceno. Pandemic.

¹ Doutoranda em Artes da Cena pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Comunicação, Arte e Memória - Mídia e Formatos Narrativos, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Especializada em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e integrante pelo CNPq do Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Filosofia (NEF) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Possui formação profissional em Educadora em Linguagens do Movimento, pela Escola Contemporânea de Dança da Bahia (Dirigida por Fátima Suarez). Bailarina profissional, performer urbano-intervencionista e pesquisadora em Corpografias Urbanas e práticas culturais contemporâneas. <http://lattes.cnpq.br/1078242516578569>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3362-8323>. hannacfr@gmail.com

MEDIANTROPOCENO: EL HUMANO COMO MEDIDA DE TODAS LAS COSAS: PRUEBAS PANDEMICO-VISUALES

Resumen: Midianthroocene es una serie de foto-performances realizadas con el uso tradicional del collage y tiene como objetivo simular la superposición de imágenes y efectos visuales sin el uso de tecnologías digitales, resultado obtenido al yuxtaponer incrustaciones en el cuerpo. La proposición crea imágenes de un cuerpo humano en continuidad con o desde la naturaleza. La interseccionalidad entre el cuerpo que es partícula orgánica de la naturaleza y esta naturaleza invocada por el cuerpo, sin embargo, ocurre a través de los medios digitales, las redes sociales y las tecnologías interactivas. Este ensayo visual tiene como objetivo compartir el proceso de creación artística en un contexto de encierro ante la crisis de salud, política y económica provocada por Covid-19. Así, para estallar en imágenes, una crítica al modelo antropocéntrico de dar sentido al mundo y a ti, a la escisión moderna entre humano-naturaleza, de la que deriva el impasse ético que conmociona a todos los habitantes del planeta.

Palabras clave: Mediatización. Antropoceno. Pandemia.

A visualidade produzida invoca uma crítica à ideia de ser o humano a medida de todas as coisas, ao espaço-tempo antropocêntrico, em que o sujeito se tornou uma força geológica a moldar a paisagem natural na direção de seu fim. A redução da natureza à ideia de paisagem ou natureza-paisagem (CAUQUELIN, 2007, p. 38) e a noção do público como ente que não pertence a ninguém, (ao invés de a todos pertencer), são provas de que estamos condicionados a enfrentar um problema de proporções globais, como a crise sanitária causada pelo COVID-19, com a consagrada premissa individual de cada um por si.

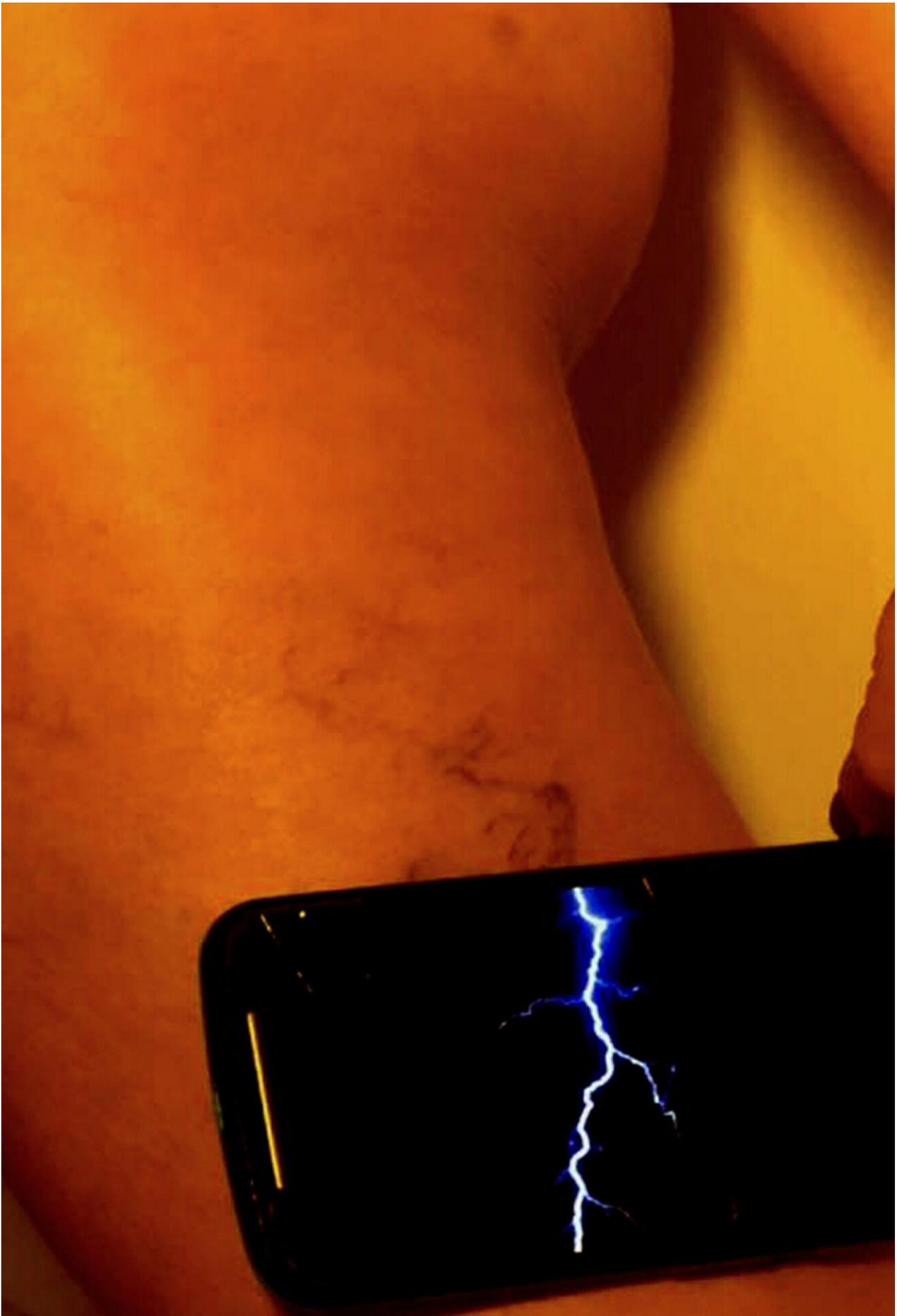
O Sars-CoV-2, minúscula substância orgânica desprovida de metabolismo, para além de ser a experiência de morte mais imprevisível, a constatação mais crua de nossa angustiante finitude, a maior condenação à liberdade de que pensara o filósofo francês Sartre (1987) – no sentido de ser a certificação de que criamos para nós um modo de vida fadado a nos eliminar, assim como a busca pela liberdade como um ideal externo a nós mesmos, é por essa lógica, uma condenação – é também um grito de acorde ante o espelho por perceber que, talvez, não seja a morte quem caminha pelas ruas atenta a nos contaminar e nos sufocar, enquanto nos isolamos. E, por outro lado, o que está em jogo, seja a vida que corre solta, livre e vibrante, enquanto alguns permanecem em casa com o jeito morto-vivo de existir e de consumir freneticamente o próprio futuro.

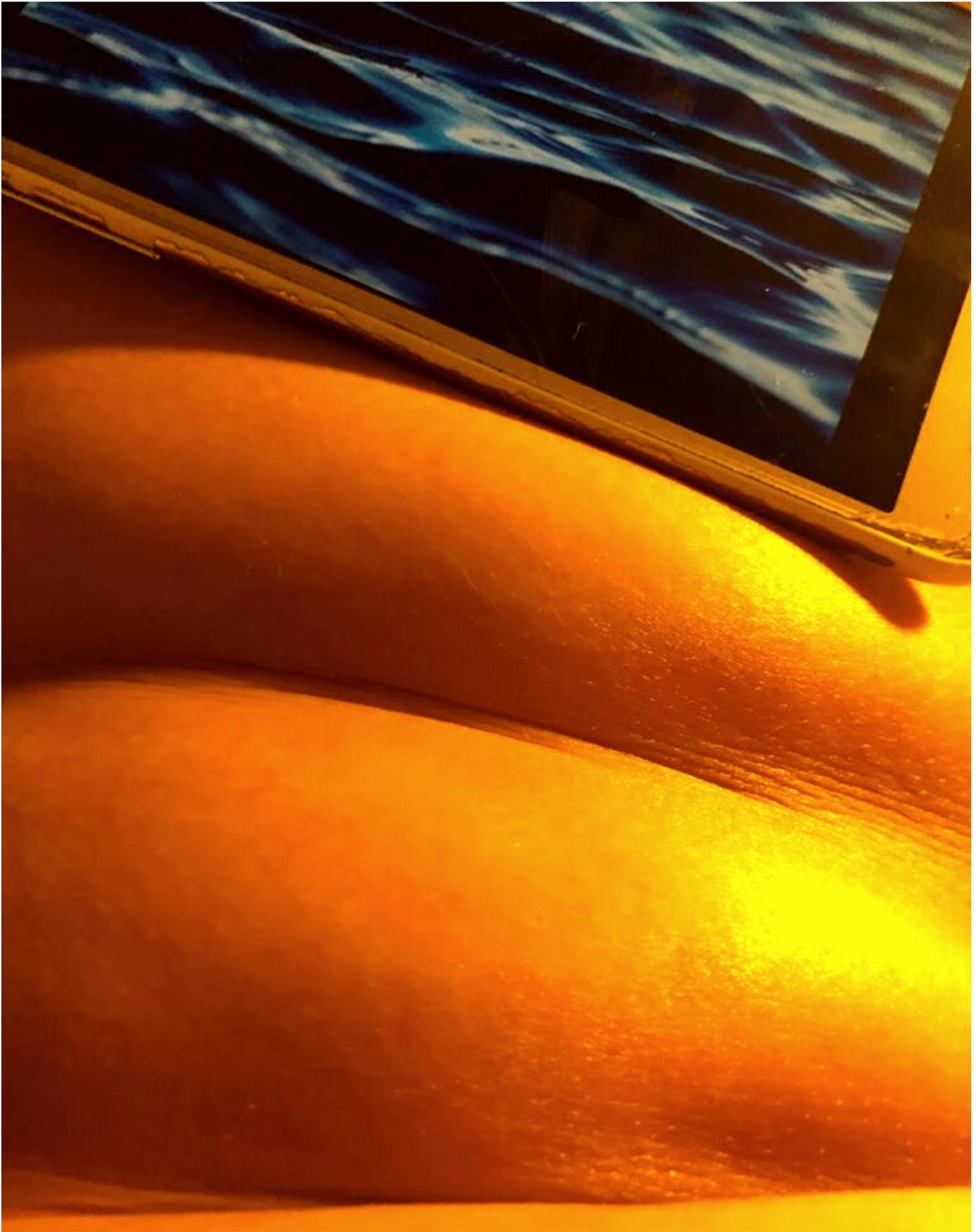
O fora do desperdício que inventamos e para o lixo que produzimos, a cultura do *fast food* e do envenenamento alimentício diário, o reducionismo da existência humana condicionada a materialidade de um corpo enquanto vivo – o que nos leva a uma responsabilidade com o ecossistema e com a espécie humana, restrita ao nosso tempo de vida cada vez mais curto, sem a menor consciência de que gerações posteriores herdarão a devastação e escassez que semeamos – são constatações de que as máscaras penduradas nas orelhas das pessoas nas ruas tumultuadas, só revelam semioticamente a nossa indisponibilidade ao comum e a nossa total indisposição para co-criá-lo.

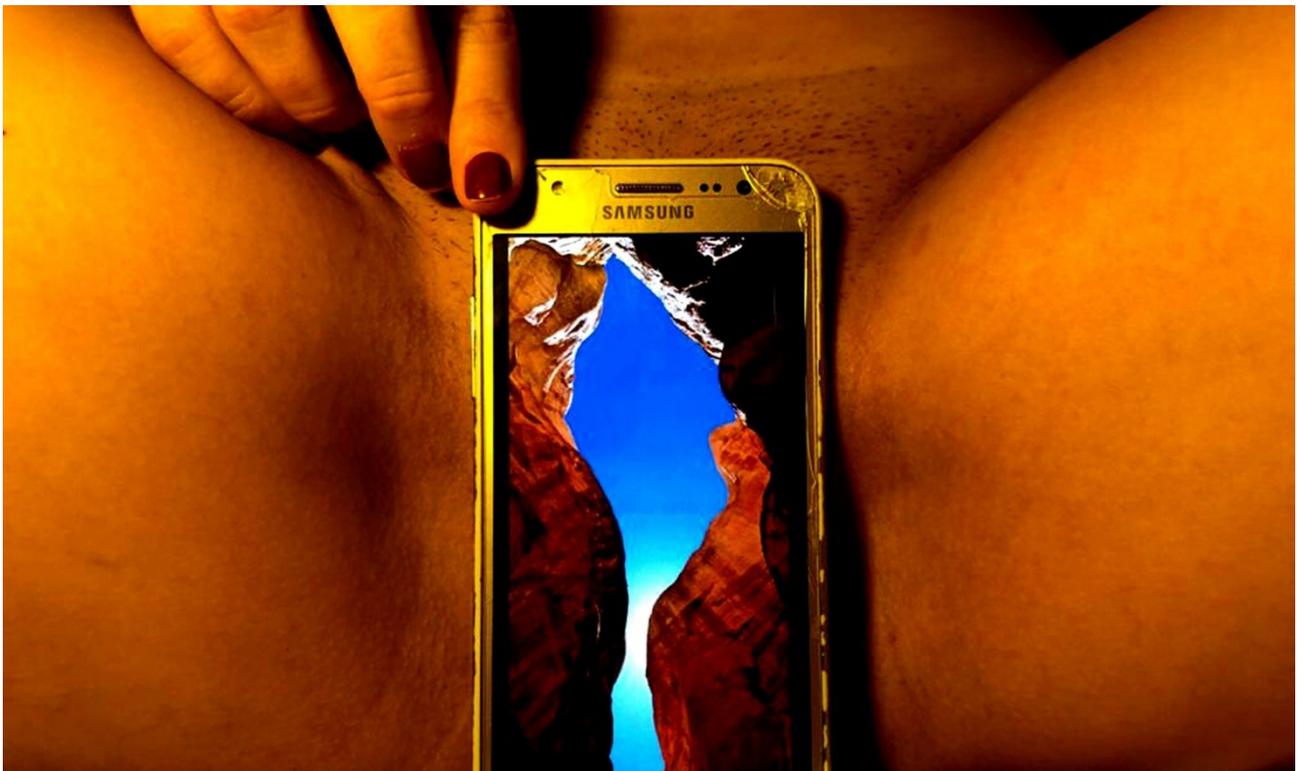
As imagens, assim como nossa atual condição encurralada ante as respostas que a natureza tem dado à desenfreada ação humana sobre ela, lançam à dúvida o por vir, de fato incerto e inconstante: a que caminhos esses novos modos de relação virtualizados, esse isolamento espetacularizado, essa libido projetada em *likes*, esse desejo acorpóreo podem nos levar? Estamos neste momento de voraz solidão salvos pela conexão *wi-fi*, ou ela, ao contrário, nos desconecta de um desejo imanente de uma corporalidade já fragmentada? O que o sexual, enquanto força criativa, potência emancipatória,

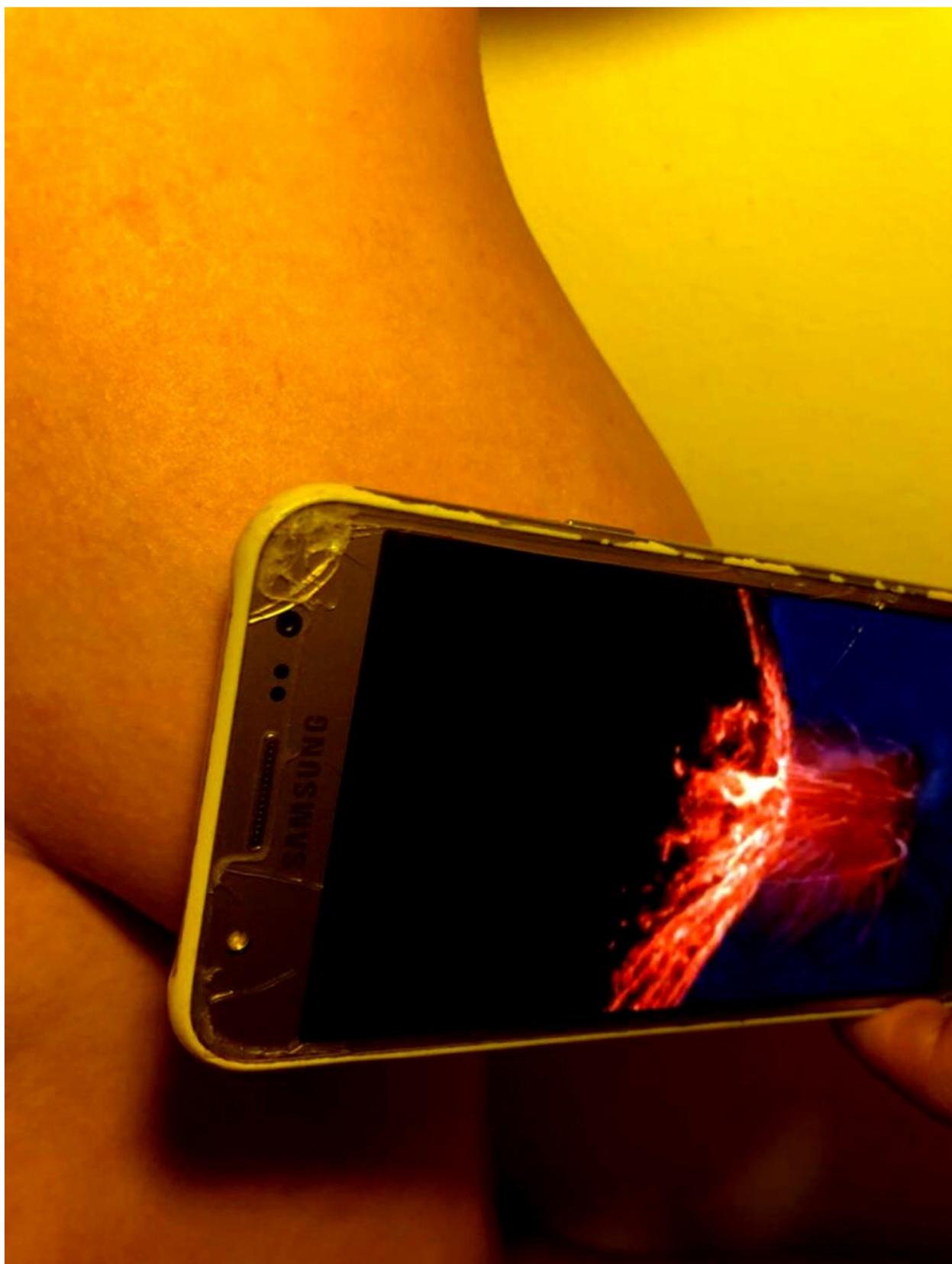
tem a nos ensinar neste imóvel momento de crise sanitária, econômica, política e (a mais irreversível delas), existencial?

Que a midiática seja de fato uma criação de meios, de pontes e caminhos que nos direcione a um futuro possível e não apenas adiamentos de um fim. É possível a tecnologia se fazer ferramenta de transformação ou estaria ela fadada a remendar os cacos das quebras que causamos, a ser sempre espetáculo vendável, comercialização da interação humana e da necessidade de se estar junto? Se comunicação é instituto que parte da ideia de tomar parte, tornar comum, comunemos, portanto, pluralmente novos modos de existir que não nos faça sucumbir a 125 nanômetros de organismo viral, por não reconhecermos a totalidade do que nos constitui enquanto viventes.



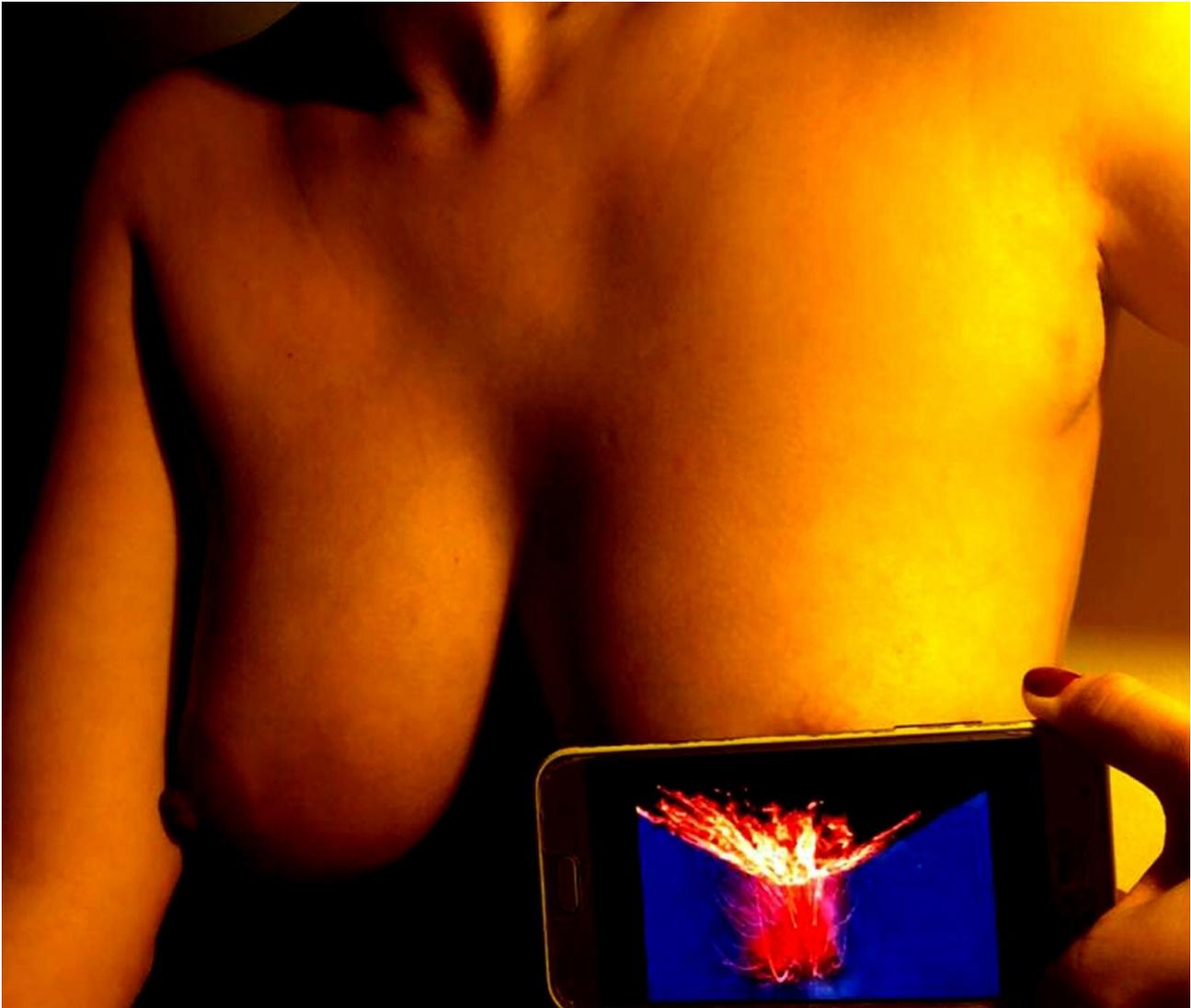
















Referências**Bibliográficas:**

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.